

dessas artistas é que, mesmo o texto sendo feito primeiro, ele é elaborado paralelamente a uma imagem, e a imagem é feita a partir de um texto.

O artista que trabalha com texto e imagem tem um processo de criação intersemiótica mais claro de ser percebido do que um escritor que, a partir de uma música, criou um personagem, ou um que assiste a um filme e tem a idéia de um livro. Esses artistas estão em trabalho permanente de tradução de linguagens, mas um ilustrador que também seja escritor faz essa tradução clara no livro infantil. Através de seus depoimentos entendemos que a linguagem escrita está impregnada de linguagem visual: o que eles têm, na verdade visualizam, o que eles escrevem está sendo ilustrado simultaneamente.

O que é específico no fazer da literatura infantil e juvenil é exatamente esse artista que trabalha as duas linguagens e que vai expressar no seu livro o encontro delas, o diálogo que mantém entre elas durante o processo e depois quando o livro vai suscitar novas interpretações do leitor que, como comenta Angela Lago, também vai ter uma relação intersemiótica com o livro: ele vai interpretar duas linguagens diferentes mas que se relacionam entre si.

O terceiro aspecto que analisei foi a questão da memória da infância. Ao longo da análise dos depoimentos, notei a forte presença das lembranças da infância – e muito especialmente as recordações das histórias orais. O artista trabalha explorando o seu mundo e as percepções da infância também são trazidas à tona; há um diálogo entre a criança que foi e o artista que é hoje.

O que registramos como uma especificidade do fazer literário infantil é o fato de essa memória servir como "passaporte". É dela que o artista vai se alimentar para criar histórias. Recuperando a própria infância, ele se sente mais próximo do seu leitor e talvez assim diminua a distância existencial entre eles. Isso é marcante no fazer literário infantil. Marina Colasanti comenta o assunto: *"A infância e a adultice, a vida de gente são duas coisas: são coisas que ficam no fundo da pele, absolutamente indelével. Os pontos são desenhando uma tatuagem precisa e sólida. Quando você escreve, vai colando essas coisas tatuadas. Você colou esse ponto e botou num microscópio, ampliou e aí trabalha esse ponto. Ele tem uma carga de sangue, ele não é seco, ele não estava entre as páginas de um livro. Ele não estava desidratado. Ele está encharcado de sangue de tua pele. Então, ele é muito vivo, muito intenso. (...) Eu faço muita apropriação da minha vida na criação. Não é uma apropriação direta, vou buscar lembranças."*

Ruth Rocha também comenta que suas memórias da infância não de alguma maneira utilizadas nos seus livros: *"Eu não repriso as lembranças da minha infância, porque eu fui muito feliz. (...) Eu acho que isso tem a ver com o que eu escrevo. Eu não tenho nada para exaltar da minha infância. Eu lembro da sensação de brincar no quintal, de subir em árvores para pegar fruta, brincar de roda... A infância para mim é uma coisa clara, gostosa."*

Nos comentários dessas duas autoras, fica claro que a memória guarda impressões, sensações que elas tentam registrar em seus trabalhos. As histórias muitas vezes remetem às lembranças da infância. Esta é uma característica geral do fazer artístico; a memória da infância e da adolescência não nutre somente os artistas dessa área. A procura das sensações da infância, ou um diálogo com essa época, é muito comum no fazer artístico em geral, mas há uma diferença em relação aos artistas de literatura infantil: o fato de essa memória ser percebida como história, como material a ser transformado em história. Ela vai servir ainda de elo entre o autor e o leitor criança: são histórias vividas por crianças e contadas para crianças.

Vários autores, ao serem perguntados para quem escrevem, responderam que pensam muito na criança que foram, como se escrevessem para ela. Eles tentam, através de seu trabalho, um resgate da infância perdida, e assim vivem as sensações, o clima desse tempo. Muitos vão buscar características suas da infância e elaboram textos para esse tipo de criança; isso é, retomando o tema da criação como um ato comunicativo, percebemos o artista querendo se comunicar consigo mesmo, com a criança que foi e que de alguma maneira resgata na criação, recriando a realidade.

Eva Furnari fala da sua ligação com a imagem que acredita ter começado desde a infância: *"Eu não reconheço muito bem e não sabia. Eu tinha que estar dentro, mas naquela época nunca ninguém achava que a gente fazia que ir ao escritório. Então eu não sabia ler, e como não reconheço muito bem, não reconheço ler tão bem, então ficava mais ligada ainda à imagem."*

Desde criança Eva se ligava mais à imagem do que o texto e de alguma maneira podemos ver que seu trabalho como ilustradora de muitos livros – e vários sem texto – pode ser uma referência a essa Eva menina que não conseguia ler as letras e vivia muito melhor no mundo das imagens.

Retornei aqui alguns aspectos que discuti em minha tese de mestrado defendida em 1996, que teve como objetivo pensar o ilustrador e o escritor de literatura infantil e juvenil como um artista no sentido mais amplo da palavra, lidando com as especificidades do seu fazer.

Reflexões sobre leitura e L1. Fascículo nº 24
Parte Integrante do *Notícias 3 - vol. 25/2003*
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
Responsável: Elizabeth D'Ángelo Serra
Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers



Luciana Sandroni é autora de *Minhas memórias de Lobato* (Companhia das Letras, 1997, Il. Laerte, prêmio Otília Fontes, da FNLIJ, de 1997, e prêmio Jabuti de 1998), *Luz na Revolta da Vacina*, (Salamandra, 1999, Il. Humberto Guimarães, prêmio Carochinha e prêmio Otília Fontes, da FNLIJ, de 1999), *O Múrio que não é do Andrade* (Companhia das Letras, 2001, Il. Spacca, prêmio "O Melhor Para o Jovem", da FNLIJ, de 2001), entre outros.

Estamos publicando neste Suplemento do Notícias a conferência de abertura do Congresso de Cuba – o Lectura 2003 – feita pela escritora e acadêmica Ana Maria Machado, no dia 29 de outubro de 2003, na qual ela apresentou importantes reflexões sobre a importância da escrita. Esta conferência de Ana Maria Machado será o tema do Lectura 2005.

Ler e Crescer

Ana Maria Machado

Com as novas descobertas científicas sobre o funcionamento do cérebro e a constatação de que o DNA dos chimpanzés e o dos humanos têm muito mais semelhanças do que se imaginava, a própria conceitualização do humano vai se modificando. Não se aceita mais a definição simples que apresentava o homem como o único animal racional, na medida em que a observação do comportamento animal e as experiências em laboratório vão comprovando diferentes níveis de capacidade de raciocínio em seres de outras espécies.

Tampouco se aceita, simplesmente, que esse diferencial entre nós e eles se situe apenas na capacidade do uso da linguagem. Essas percepções começam a ser mais refinadas. Caracteriza-se a humana como linguagem articulada, assinalando uma marca de distinção. Mais que isso, torna-se necessário refinar a descrição do tipo de uso que os humanos fazem da linguagem, acentuando que se trata de uma linguagem simbólica, conotativa e capaz de abstrações e ambigüidades e não apenas denotativa, capaz de indicar onde pode estar o alimento ou existir perigo. Com isso, amplia-se o âmbito em que a linguagem passa a ser examinada, indo-se mais além da simples emissão de sons significativos pelo aparelho fonador. Passa-se a englobar também manifestações visuais, sonoras e corporais. O que conta, então, não são apenas os idiomas, mas também as pinturas, as danças, a música, as diferentes formas de representação, a escultura, a arquitetura... Em uma palavra, a criação e a transmissão da cultura.

Pouco a pouco, essas próprias noções vão também ganhando matizes que as caracterizam melhor, permitindo definir o humano com mais exatidão. Percebe-se que não basta que certas manifestações sejam expressas ou criadas. Precisam ser transmitidas. E transmitidas além do simples nível do instinto, em que um pássaro como o joão-de-barro não precisa ensinar os filhotes a fazer de barro a sua casinha, enquanto o beija-flor tece sua intrincada trama de gravetos e pendura seu ninho em perfeito equilíbrio na ponta mais fina de um galho sem precisar que ninguém lhe dê instruções. Como um peixe não precisa ter um mapa para lhe ensinar o caminho rio acima na hora da desova.

A marca do humano está numa transmissão de experiências muito mais complexa, capaz de atingir quem vive muito longe ou ainda não nasceu. Em alguma forma de superação dos limites da oralidade. Numa produção de textos e no correspondente consumo textual. Por isso, para crescer, a humanidade necessitou da escrita, capaz de fixar a memória e empurrá-la para mais adiante e para mais distante, por sua vez estimulando que as descobertas seguintes pudessem encontrar parte do caminho já caminhado e não necessitassem refazer novamente todo o processo de tentativas e erros já percorrido por outros seres da mesma espécie.

Com a inacreditável capacidade humana de ter idéias, sonhar, imaginar, observar, descobrir, constatar, enfim, refletir sobre o mundo e com isso ir crescendo, essa produção textual vem se ampliando ao longo da história. As conquistas tecnológicas e a democratização da educação trazem a esse acervo uma multiplicação exponencial, que começa a afligir homens e mulheres de várias formas. Com a angústia do excesso. A inquietação com os limites da leitura. A sensação de hoje ser impossível abarcar a totalidade do conhecimento e da experiência (ingênuo sonho de outras épocas). A preocupação com a abundância da produção e a impossibilidade de seu consumo total por meio de um indivíduo. O medo da perda. A aflição de se querer hierarquizar ou organizar esse material. Enfim, constatamos que a leitura cresceu, e cresceu demais.

Ao mesmo tempo, ainda falta muito para o quanto queremos e necessitamos que ela cresça. Precisa crescer muito mais. Assim, multiplicamos campanhas de leitura e projetos de fomento do livro. Mas sabemos que, com todo o crescimento, jamais a leitura conseguirá acompanhar a expansão incontrolável e necessariamente caótica da produção dos textos, que se multiplicam ainda mais, numa infinidade de meios novos. Muda-se então o foco dos estudiosos, abandona-se o exame dos textos e da literatura, criam-se os especialistas em leitura, multiplicam-se as reflexões sobre livros e leitura, numa tentativa de ao menos entendermos o que se passa, já que é um mecanismo que recusa qualquer forma de domínio e nos fugiu ao controle completamente.

Falar em domínio e em controle a propósito da inquietação que assalta quem pensa novas questões equivale a lembrar um aspecto indissociável da cultura escrita, e nem sempre trazido com clareza à consciência: o poder.



FNLIJ
Notícias

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 25

Ler e escrever é sempre deter alguma forma de poder. Mesmo que nem sempre ele se exerça sob a forma do poder de mandar nos outros ou de fazer melhor e ganhar mais dinheiro (por ter mais informação e conhecer mais), ou sob a forma de guardar como um tesouro a semente do futuro ou a palavra sagrada como nos mosteiros medievais ou em confrarias religiosas, seitas secretas, confrarias de todo tipo. De qualquer forma, é uma caixinha dentro da outra: o poder de compreender o texto suficientemente para perceber que nele há várias outras possibilidades de compreensão sempre significou poder – o tremendo poder de crescer e de expandir os limites individuais do humano.

Constatar que dominar a leitura é se apropriar de alguma forma de poder está na base de duas atitudes antagônicas dos tempos modernos. Uma, autoritária, tenta impedir que a leitura se espalhe por todos, para que não se tenha de compartilhar o poder. Outra, democrática, defende a expansão da leitura para que todos tenham acesso a esta parcela de poder.

Do jeito que a alfabetização está conseguindo aumentar o número de leitores, paralelamente à expansão da produção editorial que está oferecendo material escrito em quantidades jamais imaginadas antes, e ainda com o advento de meios tecnológicos que eliminam as barreiras entre produção e consumo do material escrito, tudo levava a crer que esta questão está sendo resolvida. Ser? Na verdade, creio que ela se abre sobre outras questões. Que tipo de alfabetização é esse, a que tipo de leitura tem levado, com que tipo de utilidade social? Portanto, deixo a pergunta no ar, para ser objeto de nossas reflexões posteriores, e proponho um corte para passarmos a falar do assunto desde outro ângulo completamente diverso.

A mensagem da UNESCO no Dia do Livro de 2002 resume o papel do livro na sociedade atual, afirmando:

"Receptáculo da memória e vetor da criatividade, o livro é, ao mesmo tempo, depósito de palavras e plataforma para a troca de idéias. Peça única e, por sua vez, objeto reproduzível, criador de sentido e provocador de idéias, obra original e espelho de uma sociedade, constitui um patrimônio que, partindo das raízes próprias de uma tradição cultural determinada, não pára de crescer, sozinho, em interação com outras tradições e no diálogo permanente com o outro."

Descrição perfeita de um processo desejável. E aparentemente tranquilo, absolutamente tranquilo. Como uma planta que cresce no campo. Como algo que cresce vegetativamente, ditamos. Bem diferente do que cada um de nós experimentou em seu próprio crescimento na adolescência – o crescimento que mais recordamos, já que o tremendo crescimento intra-uterino ou na primeira infância não ficou guardado em nossa memória.

Mas como eu disse que ia mudar de ângulo e de abordagem, mudo também de área de linguagem. É passo a falar de literatura infantil. Afinal é na infância que nós mais ouvimos a pergunta crucial, que deveria ser feita no início do estabelecimento de qualquer programa de alfabetização ou de fomento à leitura, se entendermos que ler é crescer. Aquela perguntinha, que toda criança conhece: "O que você quer ser quando crescer?"

Ah, sim, porque toda criança quer crescer. Todo indivíduo que se alfabetiza também quer. Mas quer crescer e ser o quê? Um bom leitor de manuais de instruções para fazer funcionar bem a fábrica onde trabalha? Um leitor de itinerários de ônibus e nomes de ruas? Um leitor de páginas esportivas de jornais, folhetos de cartomantes e suplementos coloridos de promoções de eletrodomésticos? Um leitor de mensagens no correio eletrônico, capaz de navegar por diferentes sites na Internet? Um leitor capaz de discernir quais fontes são confiáveis ou um que acha que basta estar num livro ou num site para que a palavra seja sagrada? Um leitor de notícias de jornais e revistas? Um leitor dos artigos que analisam essas notícias nos jornais e revistas? Um leitor dos livros

que capacitam a redigir essas análises? Um leitor de textos poéticos, filosóficos e literários que suscitam perguntas tais que não são totalmente respondidas por apenas uma vertente dessas análises e exigem sempre mais, sem aceitar idéias feitas, frases feitas, slogans e estereótipos? Até onde cada um quer crescer?

A leitura pode ser a chave do tamanho – para usar a expressão que Monteiro Lobato criou e empregou para dar o título de um de seus livros mais fascinantes. Mas tamanho não basta. Da Inquisição medieval a tantas outras formas de pensamento ditatorial e de manipulação de textos, temos visto, ao longo da história, em que medida o enorme crescimento do poder de certas palavras escritas pode ser usado para esmagar a humanidade. Aliás, de certo modo, é mesmo de uma reação contra isso que trata o livro *A Chave do Tamanho*: de uma tentativa, por parte dos pequeninos (as crianças e os brinquedos), para acabar com os males causados pelos grandes – os adultos, os poderosos que levaram o mundo à guerra (no caso, à Segunda Guerra Mundial). A menor de todas as personagens, a boneca Emília, junto com o boneco Visconde de Sabugosa, decide terminar com todas as guerras e parte para a ação. Uma simples boneca de pano toma essa decisão após estar sendo alimentada com as idéias e os valores transmitidos pelas histórias que Dona Benta vinha contando desde o primeiro volume e que incluíam contos de fadas, fábulas de Esopo e de La Fontaine, contos e lendas do folclore brasileiro, mitologia grego-romana, elementos de cultura de massa (como Popeye e Gato Felix), narrativas das *Adidas Uma Noite*, as *Aventuras do Barão de Munchausen*, obras de literatura infantil como *Alice e Peter Pan*, discussões com filósofos gregos, um mergulho num grande clássico ocidental como *Dom Quixote*, noções de física e geologia, de gramática e aritmética, um apanhado geral da História da humanidade e da evolução da tecnologia. É com o acúmulo de todo esse conhecimento, transmitido de forma crítica e questionadora, que uma bonequinha cresce ao ponto de questionar os grandes e poderosos, e se dispõe a fazer alguma coisa para acabar com todas as guerras, de uma vez por todas. Ao desligar a Chave do Tamanho e reduzir as pessoas a dimensões minúsculas, mais do que encenas uma alegoria redutora da humanidade à sua verdadeira grandezinha, Emília está comprovando seu próprio crescimento e mostrando a terrível capacidade crítica e questionadora que desenvolveu desde que lhe deram a pilula falante, e com isso ela teve acesso à palavra, lá no início de todas as aventuras.

Leitora atenta (ou ouvinte atenta) de toda a literatura (oral e escrita) que Dona Benta traz aos netos a cada sessão, a boneca já tem então como se apoiar em um cabedal cultural acumulado. Já tem uma consciência expandida e demonstra sua autonomia que a faz afirmar "Eu sou a Independência ou Morte". Cresceu ao ponto de se converter numa criatura permanentemente crítica e, com isso, põe em crise as formas tradicionais de dominação dos grandes. Aliás, as palavras *crítico* e *crise* são da mesma família semântica e, segundo alguns etimologistas, em sua passagem do grego ao latim contaminaram outra palavra que nos interessa aqui – crescer.

É claro que ler instruções mecanicamente, sem pensar de modo crítico, também poderia trazer algum crescimento. E traz. Outra personagem da literatura infantil nos mostra isso de modo claro. Bastou ler o rótulo BEBA-ME num vidrinho e Alice bebeu e cresceu.

"Antes de chegar à metade da garrafa, já estava com a cabeça batendo no teto, e teve que se encolher para não quebrar o pescoço. (...) Continuou crescendo cada vez mais. Dalá para pouca, teve que se ajoelhar no chão. Em um minuto já não havia mais espaço nem para isso..."¹

¹ Os trechos citados de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, fazem parte da tradução desta obra feita por Ana Maria Machado para a editora Ática, para a Coleção *Eu leio*.

Evidentemente, porém não é esse o ideal de crescimento que se deseja, descontrolado e imobilizado, paralisando o leitor em posições sem nenhum conforto, oriundas de uma leitura meramente passiva, não questionadora. O jeito é ser dono da própria palavra, criar a própria história, conseguir crescer para assumir a própria autoria, como a própria Alice percebe em seguida, ao afirmar no parágrafo imediato: *"Deviam escrever um livro sobre mim, bem que deviam! Quando eu crescer, eu mesma vou escrever..."*

Para isso, vivendo uma sucessão de variações de tamanho, a cada nova experiência que se soma, a partir de sua curiosidade e disponibilidade ao risco, a menina afirma sua capacidade de enfrentamento. Depois de diminuir ao comer um bolinho – sem instruções – ela volta a crescer ao provar do cogumelo e constata:

"Bem, pelo menos minha cabeça ficou livre dessa vez! – disse ela, toda feliz."

Crescer deve servir mesmo para isso – para libertar a cabeça. Caso contrário, não faz sentido aumentar. E com a cabeça livre e as experiências de crescimento crítico acumuladas, passa a ser possível ir controlando o próprio crescimento – como faz a menina, alternando as mordidinhas nos dois lados do cogumelo até atingir o tamanho que queria e que mantém até perto do final da história, quando ela torna a crescer num momento em que se introduz outra variável. Essa, inesperada: o disco de crescer.

No tribunal, na hora do julgamento e das decisões da autoridade sobre vida e morte, enquanto ouve uma longa leitura de um comprido rolo de pergaminho e examina criticamente o que os jurados escrevem em suas lousas, após refletir que *"muito poucas meninas de sua idade saberiam o significado"* de certas palavras, absolutamente íntera numa situação em que cada parágrafo fala de leitura e de escrita, de cartas e depoimentos, de listas e documentos, de paródias e pastiches, de alusões e citações, ela desanda a crescer novamente. Seu crescimento começa a incomodar os outros e um personagem a seu lado lhe diz:

"Você não tem direito nenhum de crescer aqui dentro."

"Deixe de bobagem – disse ela, mais segura. – Você sabe que também está crescendo."

"É, mas numa velocidade razoável..."

Claro. O que incomoda não é apenas que ela cresça. É que deixe os outros para trás, graças à velocidade do crescimento de quem está vendo criticamente toda aquela situação de escrita e leitura pública e não respeita a autoridade, rejeitando uma ordem narrativa epistolar que insiste em apresentar primeiro a sentença e depois o veredito. Ridicularizando o absurdo do que o Rei chama de *"prova mais importante que trouxeram até agora"*, um texto tão ambíguo gramaticalmente que nem ao menos se consegue saber o que diz, ela enfrenta:

"Pois sim – disse Alice (que tinha crescido tanto nos últimos minutos que não tinha mais medo de interrompê-lo) – se alguns dos jurados for capaz de explicar do que se trata. Dou um doce a quem conseguir. Eu acho que é só um arrombado de eles, ela, tu e nós, muito confuso e sem um pinga de sentido."

Destuando a falta de sentido da palavra dos poderosos, ela cresce de uma vez, parte para o enfrentamento, reduz rei e rainha a meras cartas do baralho, a folhas secas caindo de uma árvore. Mas traz de volta sua experiência transfigurada, capaz de ser transmitida de imediato à irmã – mesmo mais velha e maior – e ser guardada para o seu próprio futuro, quando fosse mulher feita, capaz de passar a palavra a gerações posteriores:

"E como repartiria em volta de si outras crianças, seus filhos, e faria seus olhinhos ficarem brilhantes e curiosos, com muitas histórias estranhas, talvez mesmo o sonho que tivera com o País das Maravilhas muito tempo antes."

Esse crescimento é que é muito interessante, sacudido por um turbilhão de intertextualidade, feito de leituras anteriores que alimentam novas escritas e novas leituras, acrescentando uma

soma de novas experiências e uma visão crítica capaz de fazer questionamentos. Uma leitura que não aceita passivamente as palavras sagradas ou o poder inquestionável e autoritário do escrito, mas se propõe a uma atividade intensa sobre o texto ao decifrá-lo, acrescentando-lhe riquezas trazidas de outras leituras e contaminando-o com outros textos capazes de fecundá-lo sempre.

Claro, para isso a primeira condição é que o texto lido não seja estéril. Que, pelo contrário, seja fértil, cheio de promessas e potenciais. Daí a importância fundamental do livro que vai constituir o ponto de partida da leitura. Daí a crescente insistência que fazemos hoje na qualidade das seleções oferecidas à criança pela escola, por exemplo, por políticas de leitura que não podem se limitar a pretender modificar estatísticas e enfatizar quantidades. Daí ser essencial ter clareza sobre que tipo de leitura se quer construir. Ou sobre o que se entende por crescimento trazido pelo livro.

Não basta, portanto, ler manuais de instruções, textos fechados, clichês, frases feitas, tecnicismos superficiais, descrições óbvias, conselhos rasteiros. Esse tipo de leitura só serve para fortalecer obediências cegas, consolidar servilismos, reforçar preconceitos. Ou seja, contribui para formar rebanhos e assegurar uma mentalidade conformista e dócil, disposta a aceitar padrões impostos. Pode ser extremamente útil aos poderosos, garantindo-lhes sociedades de consumo passivo, seja para comprar qualquer produto seja para apresentar comportamentos fanáticos em política ou religião, seja para ir à guerra contra outros povos ou outras etnias.

Aliás, é sempre bom lembrar: ninguém nasce com preconceitos. Eles não são naturais. Pelo contrário, todos eles são adquiridos no contato cultural, na repetição de estereótipos, na nomenclatura mental de idéias prontas (próprias ou alheias), que passam a ser respeitadas como sagradas, que não admitem ser questionadas ou cotadas com uma ampla variedade de pontos de vistas diferentes.

O melhor antídoto contra a inoculação passiva de preconceitos e da ideologia alheia é a recusa do estereótipo e a busca do protótipo: aquele texto novo, preenche de possibilidades insuspeitadas e das surpresas (lingüísticas, estilísticas e de pensamento) que caracterizam a boa qualidade literária. Aqui e agora não nos cabe entrar em discussões dispensivas sobre o que é literatura, afinal de contas, da mesma forma que pretendemos evitar cair na armadilha de ficar dando listas de livros, ou fórmulas de reconhecer bons textos. Não é assim que as coisas se passam. Da mesma forma que amar se aprende amando, ler se aprende lendo.

Só a exposição freqüente e continuada a obras de arte vai apurando o gosto das pessoas, ensinando a apreciar essas obras e reconhecer o que elas são, refinando o senso estético do usuário, acostumando-o a padrões mais exigentes. Assim se chega ao ponto a que a escritora Ruth Rocha alude quando diz que sabe que um livro é bom, porque ele lhe dá uma espécie de atropelo na alma, ou um súbito aperto no coração. Ou, de tanto alguém ler e ter mais intimidade com diferentes textos, começa a distinguir entre eles qual é que tem qualidades literárias, essa coisa indefinível que ninguém consegue precisar com exatidão mas que, como enfatizou Roger Chartier, tem a ver com a capacidade de despertar reapropriações múltiplas por parte de diferentes leitores – ou por parte do mesmo leitor em diferentes momentos.

O outro tipo de leitura (ou de texto), aquele que não permite apropriações múltiplas e inesperadas por novos leitores e circunstâncias diferentes, não leva ao crescimento. Pelo contrário, é limitador e redutor. Nem toda leitura faz crescer, afinal de contas...

Não é isso que se precisa ler, nem é assim que se deveria ler para crescer.

Mais uma vez, a literatura infantil nos fala de um personagem que associa literatura e crescimento – Peter Pan, de James M. Barrie.

Muita gente acha que ele encarna o mito da eterna infância, da criança que não quer crescer, mas prefere viver para sempre no

parado lógico dos brinquedos sem fim. Não se trata disso – nem essa criança existe. Essa é uma visão simplista e falsa, nostálgica de uma pretensa idade de ouro infantil, um mundo irresponsável e desprocurado, que nunca existiu. Toda criança quer crescer. A tragédia de Peter Pan é que ele não consegue crescer, porque não tem memória. Esquacece de tudo, vive num eterno presente. Por isso precisa vir buscar reforço e salvação na memória alheia, ouvindo toda noite as histórias que a Sra Darling conta aos filhos e, em seguida, levando-as para os Meninos Perdidos na Terra do Nunca – um lugar sem tempo, como o próprio nome nos recorda. Até que convence Wendy a ir para lá com ele, a fim de desempenhar esse papel de contadora de histórias e guardiã da memória.

“Lá, em meio a várias aventuras, vai ficando evidente que ele não consegue lembrar nem mesmo de coisas recentes, forçado a viver no suplício inconsciente da eterna repetição. Quando a perda da memória começa a ameaçar seus irmãos, Wendy percebe que tem de lhes contar a história deles mesmos e de seu passado, faz-los recordar (re-cordar, trazer de novo ao coração), para que possam sobreviver e não sejam condenados a viver apenas na eterna novidade, uma atrás da outra, num interminável presente.”

Essa é a questão fundamental que Peter Pan, de James M. Barrie coloca em discussão. É isso que faz com que seja um dos livros mais atuais que as crianças podem ter à sua disposição hoje, neste tempo de modismos sucessivos, celebridades instantâneas e esquecimentos profundos.” (Ana Maria Machado. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2002.)

Poucas histórias nos falam de modo tão radical sobre o papel fundamental desempenhado pela narrativa, pela literatura e pela história no crescimento. Poucas vezes se mostrou com tanta clareza como é profundo o esforço cognitivo da criança, sua busca de saber quem é e quem pode vir a ser, por meio da palavra transmitida. É um livro que nos deixa essa herança contundente: estar alijado da memória e da narrativa é um fardo pesado, um motivo de sofrimento e angústia para a criança, algo que ela não é capaz de formular com clareza e consciência, mas a deusa perdida e sem referências. Trax um universo alijado, carregado de infelicidade. Faz com que alguém como Peter Pan, em estado de confusão mental, chegue ao ponto de às vezes achar que não cresce porque não quer, apresentando repetição como se fosse novidade e confundindo liberdade com atoleiro e paralisia. A clareza de Wendy é fundamental para que as crianças se salvem e possam crescer, na vida real, esta nossa, histórica, na Terra do Sempre, onde a palavra conta histórias, preserva a memória e combate o esquecimento, onde a narrativa compartilhada é capaz de diminuir sofrimentos (como a psicoanálise conhece tão bem), onde todas as possibilidades de crescimento existem. Até mesmo a possibilidade de sonhar com a Terra do Nunca como um lugar maravilhoso – e inesquecível.

Peter Pan intui tudo isso quando parte à procura de histórias, quando parte voando toda noite de sua ilha, em busca da história que ouvirá do lado de fora da janela da família Darling e trará rapidamente para os Meninos Perdidos, antes que a esqueça. Toda criança tem esse impulso e costuma pedir histórias, quer que os adultos as repitam, de novo e de novo. Como se cada um soubesse que depende dessas narrativas para poder crescer e poder ir construindo sua própria história, sabendo de onde veio, quem é, para onde pode querer ir. Não fechemos portas e janelas para esses pequenos, de espíritos ávidos pela palavra. Oferecer às crianças narrativas de qualidade, dar-lhes a oportunidade de ser contada com textos literários dos quais elas possam se apropriar e passarem a ter como seus, propiciar-lhes boas leituras, enfim, tudo isso constitui um ato de amor e uma responsabilidade social dos adultos.

Cada um de nós pode encontrar outros exemplos de personagens amados que, ao longo da literatura infantil, nos têm mostrado que é possível e necessário confiar na inteligência infantil para que ela alavanque o crescimento. Essa é a leitura que importa estimular e fomentar – a que é capaz de apostar na capacidade do leitor de crescer e de se superar. A que não se limita a lhe oferecer na bandeja uma papinha mastigada, fácil de engolir. A leitura que celebra a perspectiva de uma tomada de consciência, e que substitui o autoritarismo das palavras que dão ordens e exigem ser obedecidas, pela autoria compartilhada entre o momento da escrita e o da leitura, entendida como uma decifração inteligente e uma recriação ativa, capaz de afirmar a autonomia de cada um no ato mágico de ler.

Ou, nas belas palavras de Emília Ferreiro:

“Había una vez un niño... que estaba con un adulto... y el adulto tenía un libro... y el adulto leía. Y el niño, fascinado, escuchaba como la lengua oral se hace lengua escrita. La fascinación del lugar preciso donde lo conocido se hace desconocido. El punto exacto para anular el desafío de conocer y crecer.” (Emilia Ferreiro. *Pasado y presente de los verbos leer y escribir*. México: Fondo de Cultura, 2001.)

Reflexões sobre leitura e LIJ. Fascículo nº 25

Parte Integrante do Notícias 1 - vol. 26/2004

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra; Focoletto e Imprensa; PriceworthhouseCoopers



Ana Maria Machado

nascida no Rio de Janeiro, em dezembro de 1941. Dedotou-se, inicialmente à pintura, tendo estudado no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e no MOMA, de Nova York. Também trabalhou como jornalista e teve uma coluna semanal no *Jornal do Brasil* sobre livros para crianças. Autora de mais de 108 livros para crianças e adultos, e premiada com diversos prêmios, nos últimos nascidos da literatura nacional, Ana Maria Machado recebeu, no ano de 2000, a medalha Hans Christian Andersen, do IBBY. No dia 24 de abril de 2003 foi eleita para assumir a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras (ABL), na qual tomou posse no dia 29 de agosto deste ano. Ela é a primeira acadêmica que tem uma obra literária votada prioritariamente para o público infantil e juvenil.

Este texto de Laura Sandroni irá orientar a temática do Seminário de Literatura para Crianças e Jovens, no 6º Salão do Livro da FNLIJ, a ser realizado de 16 a 26 de setembro, no Rio de Janeiro..

Trata-se da palestra apresentada no Congresso de Cuba – o Lectura 2003 – realizado em Havana, Cuba, em novembro do ano passado. Consiste num estudo detalhado e instigante sobre a temática que norteou os trabalhos do 14º Congresso do IBBY, organizado pela FNLIJ, seção brasileira do IBBY, e realizado no Rio de Janeiro, em 1974. A escritora Laura Sandroni, uma das fundadoras da FNLIJ, atualmente membro do Conselho Diretor, consultou os Anais do Congresso e fez um estudo comparativo entre a época em que ele foi realizado e o momento atual, registrando as conquistas feitas e o que ainda é preciso alcançar no campo da literatura para crianças e jovens.

O livro como instrumento de formação e desenvolvimento de crianças e jovens

Em 1974, o IBBY realizou, pela primeira vez em sua história, um Congresso fora da Europa. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, seção brasileira da entidade, foi convidada a organizá-lo e o fez na cidade do Rio de Janeiro. O tema proposto foi dividido em oito subtemas, expostos por especialistas de diferentes países e estudados em seguida por grupos de participantes previamente inscritos.

O presente trabalho pretende dar uma visão geral do que foi ali discutido além das recomendações contidas no Relatório Final. Verifica, ainda, que muitos dos problemas apontados continuam existindo hoje, embora nas três décadas que nos separam daquele Congresso venha-se desenvolvendo um grande esforço no sentido de saná-los.

Naquela terça-feira, dia 22 de outubro de 1974, mais de quatrocentas pessoas reunidas no Rio de Janeiro, no amplo auditório do Hotel Glória, para participar do 14º Congresso do International Board on Books for Young People (IBBY) ouviram seu então presidente, o finlandês Niilo Visapaä, começar assim o discurso de recepção aos congressistas:

“Servindo-me das palavras que, bem escritas e bem enunciadas têm o poder mágico de abrir e fechar, experimento o sentido histórico deste momento: o IBBY atinge a idade adulta, szindo para o alto mar, como fez outrora Fernão de Magalhães, em busca de um



FNLIJ
Notícias

Suplemento

www.fnl.org.br
Revista de História e Literatura Infantil e Juvenil - Foz de Iguaçu, n.º 27

2

mundo novo. Pela primeira vez seu Congresso bienal e sua Assembléia geral são realizados fora da Europa. Tal decisão reflete, por um lado, notável arrojo; por outro, tornar realidade este Congresso na América Latina, particularmente nesta próspera República Federativa do Brasil, se deveu à contribuição efetiva e prática das amáveis representantes deste País, Sras. Ruth Villela Alves de Souza e Leny Werneck, durante os últimos quatro anos, junto ao Comitê-Executivo e (com relação à primeira) no júri do Prêmio Hans Christian Andersen, sem esquecer os que as auxiliaram nesse esforço, seus funcionários e colaboradores."

Talvez alguns dos presentes tenham se espantado com a informação ali contida: durante vinte anos o IBBY, organização internacional fundada pela alemã Jella Lepman em 1951 visando criar laços de amizade e conhecimento mútuo — que pudessem levar no futuro à paz universal —, através dos livros infantis, era na realidade uma instituição européia. As vésperas da maioridade seus dirigentes encontram coragem para enfrentar o desafio de torná-la realmente internacional e para isso escolhem a pequena entidade brasileira nos seus anos iniciais de vida.

Ouvindo essa saudação, alguns momentos básicos dessa história passaram pela minha cabeça. O primeiro, quando numa reunião do Comitê-Executivo do IBBY, realizada em Viena nos dias 3 e 4 de setembro de 1972, a representante da Fundação, Leny Werneck ouviu proposta para que o Brasil sediasse o 14º Congresso a realizar-se dali a dois anos, em outubro de 1974. Chegando ao Rio de Janeiro, sede da FNLIJ, contou-nos a novidade dizendo que ficara de dar uma resposta logo que possível. A diretoria da Fundação, da qual à época eu fazia parte, ficou dividida entre as enormes perspectivas que a realização do Congresso abriria para o Brasil e para toda a América Latina e as possibilidades reais de uma entidade pequena, pobre e ainda pouco conhecida nos seus quatro anos de existência, obter os recursos necessários para tanto.

Em belo gesto de coragem, o Conselho Superior da Fundação, formado por diferentes entidades ligadas ao livro, decidiu aceitar o desafio e já na reunião seguinte do Comitê-Executivo do IBBY, realizada em Moscou, nos dias 20 a 22 de março de 1973, era aceito "com louvor" o tema proposto pela Seção Brasileira: "O livro como instrumento de formação e desenvolvimento de crianças e jovens", assim como a

data 21 a 25 de outubro de 1974. Na mesma ocasião já se definia o método de trabalho elaborado por um grupo de colaboradores.

Logo surge o *slogan* para a divulgação: "O livro ensina a viver" e os subtemas, que seriam objeto de conferências, seguidas por reuniões dos grupos de trabalho, nos quais os participantes poderiam inscrever-se. Uma ficha de inscrição distribuída no início de 1974 e publicada no *Boletim Informativo* informava o local e o preço do hotel. Dizia ainda a notícia que haveria atividades paralelas, como uma exposição internacional de livros infantis e juvenis nos amplos espaços do Museu de Arte Moderna; um "Domingo da Fantasia", atividade com crianças visando a desenvolver a criatividade, tendo por base as histórias dos livros infantis; a solenidade de entrega do Prêmio Andersen à autora (Maria Gripe, da Suécia) e ao ilustrador (Farshid Mesghali, do Irã) além, é claro, do *city-tour* pelos lugares turísticos do Rio de Janeiro.

Enquanto tudo isso era planejado, os responsáveis pela FNLIJ se desdobravam em contatos com as autoridades do governo para a obtenção de recursos. Assim, encontraram-se em Brasília com o Ministro da Educação que, entendendo a importância do evento para o Brasil, assegurou boa parte da verba necessária através de órgãos do ministério, como o Departamento de Assuntos Culturais e o Conselho Federal de Cultura; a Riotur facilitou os entendimentos com o hotel, as companhias de aviação e ofereceu o passeio turístico aos congressistas estrangeiros. Evidentemente, o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e a Câmara Brasileira de Livros (CBL), membros fundadores da FNLIJ, empenharam-se ao máximo para ajudar-nos. Em julho de 1974 já havia 300 pessoas inscritas de mais de 20 países.

Todas as informações foram divulgadas pelo *Boletim Informativo*, criado no segundo ano de vida da Fundação, graças à visão de Ruth Villela Alves de Souza, bibliotecária especializada em livros para crianças e jovens e consciente da importância da documentação. Assim, ao escrever este trabalho, foi-me fácil levantar todos os dados em cada Boletim do número 20 até o 28, quando já há artigos que comentam o Congresso, então fato do passado.

Assim, a partir dos *Anais do 14º Congresso* tento descrever os principais pontos das conferências proferidas por alguns dos mais importantes especialistas internacionais da época e, em seguida, o Relatório

Final que reúne as principais sugestões dos oito grupos de trabalho que discutiram e aprofundaram os temas desenvolvidos.

Nos Anais encontram-se também as inúmeras comunicações apresentadas, aqui deixadas de lado por absoluta falta de tempo, bem como os discursos de agradecimentos dos agraciados com o Prêmio Andersen e a lista completa dos participantes.

Da América Latina tivemos representantes da Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Da América do Norte, os Estados Unidos. Da Europa, Alemanha Ocidental e Oriental, Bulgária, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Inglaterra, Iugoslávia, Portugal, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia e União Soviética. Da Ásia, o Japão e o Irã. Da África, o Quênia. A UNESCO, a OEA e o CERLAL deram apoio irrestrito ao Congresso.

Na conferência inaugural, Heriberto Schiro, técnico da UNESCO e representante do Diretor Geral da entidade, acentua o crescimento do interesse pela literatura infantil "nos últimos anos" citando alguns congressos e encontros internacionais sobre o tema entre eles o "I Seminário Latino-americano de Literatura Infantil e Juvenil" organizado pela FNLIJ para a II Bienal Internacional do Livro de São Paulo em junho de 1972 e o Seminário Internacional de Literatura Infantil realizado pelo CERLAL (Centro Regional para a Promoção do Livro na América Latina) em Buenos Aires, de 22 a 27 de abril de 1974. Refere-se ainda à necessidade do aprimoramento da literatura infantil em qualidade e quantidade, pois ela é essencial à formação do hábito de leitura que se forma na infância, e comenta o fato de que o preço do livro, inatingível para as camadas menos favorecidas, transforma a leitura, necessariamente, em privilégio das minorias.

Heriberto Schiro lembra ainda que a problemática do livro em geral nos países em via de desenvolvimento se insere na perspectiva muito mais ampla da situação político-econômica e cultural desses países. Existem condicionamentos externos que escapam à nossa ação e provêm do nosso subdesenvolvimento. Explica em seguida como os diferentes graus de desenvolvimento nos países latino-americanos condicionam as diferentes etapas de criação, produção, distribuição, fazendo com que as etapas de desenvolvimento da indústria editorial sejam diferentes entre eles.

Menciona também a "circulação internacional", mostrando o domínio das editoras estrangeiras sobre os nossos mercados e cita a opinião do teórico francês Marc Soriano sobre o assunto: "A aquisição de cultura pelos jovens não pode obter êxito senão na medida em que se coloquem, à disposição das crianças, livros que lhes falem de seu país e dos costumes que lhes são familiares. Só então, os jovens leitores chegarão a ser capazes de se interessar por outros livros e por outros países. (...) Em definitivo, o caminho mais curto entre uma criança e a cultura universal passa pelo descobrimento de sua própria cultura".

Outro risco a evitar, lembra Schiro, consiste na grande produção de livros e escassez de leitores: um público imenso indiferente à oferta de uma leitura que não corresponde aos seus interesses e motivações profundas; que aprende a ler e logo o esquece, deixando-se levar pelos audiovisuais. A causa disso, aponta, é que a escola primária não cria os hábitos de leitura necessários para que o educando inicie, ao deixar a escola, um processo de educação permanente, o que provoca, na grande maioria dos países latino-americanos, o problema do retorno ao analfabetismo.

O representante da UNESCO termina sua fala lembrando a possibilidade de co-edições entre nossos países e garantindo o apoio da UNESCO através do CERLAL para um programa nessa área.

O primeiro tema que foi discutido e desenvolvido nos trabalhos de grupo foi "Literatura Infantil no Quênia: aspectos nacionais e internacionais", apresentado por Francis Otieno Pala, da Biblioteca Nacional do Quênia. O conferencista usou dados estatísticos para mostrar que no país a população é predominantemente jovem e o analfabetismo prevalece. Decorrem daí duas conseqüências: os livros didáticos formam grande parte da produção, já que o objetivo maior é adquirir conhecimento. Por outro lado, há grande necessidade de boa literatura nacional, pois a maior parte do pouco que é publicado nessa área é tradução.

A maioria da população jovem é de origem africana, embora também se encontrem entre os leitores jovens asiáticos, árabes e europeus. Assim, o bibliotecário deve considerar essa diversidade ao selecionar a literatura juvenil. Outra observação importante refere-se ao fato de que a maior parte da população está na zona rural. Num levantamento feito pelo bibliotecário do setor infantil das bibliotecas municí-

país de Nairobi, surgiu o dado desanimador de que bem poucas crianças possuem qualquer noção do uso e apreciação dos livros.

Quanto às preferências de leitura, as crianças do Quênia gostam dos contos de fadas de países distantes e apreciam particularmente as histórias do folclore africano.

Há poucos autores locais e poucos livros publicados no idioma nacional. Há apenas três ilustradores no país. Na época, estava para ser criado um prêmio para escritores de livros infantis.

"Felizmente existe no Quênia real interesse pela leitura, seja quando resulte em a criança acrescentar algumas palavras ao seu vocabulário de inglês ou swahili ou em aprender algo sobre as crianças das outras partes do mundo. Isso é estimulante e encorajador para o bibliotecário no Quênia moderno", segundo Francis Otieno Pala.

Raoul Dubois, da seção francesa do IBBY, foi o expositor do tema "Renovação pedagógica e literatura para a juventude".

Depois de apresentar dados estatísticos sobre o crescimento da produção de livros no mundo e lembrar que nem por isso o número de analfabetos diminuiu, ele chamou a atenção para a importância crescente de outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão, que não exigem o longo período preparatório de aprendizagem da leitura. É neste clima, no momento em que os modelos escolares tradicionais são contestados, que ele examina as relações entre a literatura infantil e o ensino da leitura.

Ao observar a evolução da escolaridade na França em 85 anos de vigência da escolaridade obrigatória, chega-se a algumas conclusões úteis para melhor compreensão do problema. Uma primeira etapa consiste na campanha entusiasta pelo "saber ler". Há então na leitura uma espécie de valorização do indivíduo, de promoção social que leva ao livro e ao jornal. As bibliotecas escolares desempenham um importante papel cultural. Pouco a pouco, a associação do livro com a leitura se enfraquece, não encontrando senão uma pequena aplicação, na escola. O livro fica ligado a exercícios quase sempre pouco atraentes. Esquece-se assim uma das condições essenciais para a aprendizagem da leitura: a vontade do aprendiz-leitor de se apossar pela leitura de um instrumento cultural e a obrigação do educador de nunca desviar de seu sentido esta tomada de poder dele sobre o mundo. Além

disso, o livro não é mais a única solicitação de lazer oferecida à criança. Os meios audiovisuais de expressão e comunicação do pensamento que caracterizam a nossa época (rádio, televisão, cinema, etc), constituem uma "cultura paralela" que a atrai fortemente e a solicita sem trégua.

De fato, o aparecimento das "mass-media" coincidiu com um vasto movimento de democratização da cultura. Atualmente, a obrigatoriedade escolar faz ingressar no circuito cultural um grande número de crianças, que haviam sido anteriormente desviadas por causa da sua origem social e da falta de recursos de seus pais. Ora, a leitura, técnica complexa, é assimilada sem muito esforço pelos "herdeiros" das camadas sociais mais favorecidas, que dispõem, desde cedo, de hábitos intelectuais e do privilégio financeiro do seu meio. É um processo cultural que desvia, muitas vezes, grandes camadas da população infantil, relacionadas há pouco tempo com a escolarização e que não dispõem nem daqueles hábitos nem dos meios econômicos necessários para adquiri-los.

É preciso, pois, uma renovação pedagógica que leve em conta: a vontade de questionar um ensino baseado na autoridade do educador e na transmissão unilateral do conhecimento; a vontade de colocar em primeiro plano a alegria da criança, apelar para sua capacidade de iniciativa e dar oportunidade ao desenvolvimento de sua criatividade; a vontade de formar cidadãos ativos que tomem nas mãos os seus próprios destinos.

O tema seguinte "O livro infantil e a tecnologia de apoio por processos audiovisuais" foi defendido pelo brasileiro Nuno Veloso, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Depois de lembrar como o uso da imagem, do som, do cinema e até mesmo do olfato nos livros infantis tem demonstrado preocupação em preencher o vazio de informação das histórias escritas para crianças, o conferencista tece considerações sobre o hábito de leitura. Diz ele:

"Cada vez mais, a escola aparece como uma experiência periférica para a maioria, significando apenas a constatação de que se trata de um estágio, que não tem muito a ver com a educação. A verdadeira educação não pode prescindir de uma espécie de leitura que nem sempre é proposta pela escola.

Em virtude do impacto visual, as técnicas de apoio têm sido propostas como poderosos instrumentos

de aprendizagem, para atingir as crianças que perderam o interesse pelos métodos tradicionais de leitura ou que tiveram sua capacidade de leitura inexistente ou inadequada. É inteiramente possível que tais métodos possam dar alguma contribuição na formação do leitor fraco, pois não sabemos se o desânimo do mau leitor procede exatamente do fato de não saber ler ou da idéia, bastante generalizada, de que ler, num mundo de tecnologia avançada no campo da veiculação de comunicação, parece irrelevante e um desperdício de tempo.

Acreditamos, que, nesta área, também está havendo uma superestimação dos meios de auxílio audiovisuais. A menos que a mudança do meio seja acompanhada de uma mudança de mensagem, estaríamos nos iludindo julgando que pode haver um substitutivo para a leitura. E mesmo neste caso não haveria uma substituição e sim uma outra possibilidade de aprendizagem, mais ligada ao didatismo dos bancos escolares, do que ao processo de enriquecimento cultural oferecido pela literatura infantil.

Ressaltamos, ainda, a profunda convicção de que a maior parte das crises entre leitores e editores tem suas raízes no descompromisso, assumido pelos últimos, com o simples e puro hábito da leitura. Cada vez mais, seus títulos para leitores infantis e juvenis são reforçados por discos, fotografia em terceira dimensão, *slides*, filmes e cheiros e cada vez mais os jovens leitores carregam para a fase pré-universitária e para as universidades o hábito de não especular sobre as novas experiências que lhes são oferecidas, esperando por um esclarecimento posterior que se torna impossível quando se defrontar com as abstrações."

O conferencista conclui lembrando a observação comum de que uma cultura baseada em clichês perde muito de sua criatividade. Ressalta que ficaria restrito o terreno das opiniões pessoais para as crianças alimentadas por estereótipos de som, cor, forma, tessitura e cheiro. O estado de dúvida enriquece, a partir do momento em que a criança tenta uma explicação para os conhecimentos que lhe são oferecidos por meio da leitura.

Rudo Moric, da Mladé Letá Editora da Tchecoslováquia, falou sobre o livro como meio de informação e desenvolvimento da leitura.

"O desenvolvimento harmonioso em todos os sentidos da personalidade infantil exige, desde a ida-

de pré-escolar, a criação de entrosamento entre a teoria e a prática, entre o universo estético e o universo real, entrosamento esse que constitui a base de sua formação futura. Neste campo de trabalho, é com auxílio do livro, e particularmente do livro infantil, que se pode influir sobre a vida afetiva e estética da criança, pois o livro infantil representa, por sua própria natureza, o ponto privilegiado de encontro entre duas artes: a da palavra e a da forma, isto é, o texto e sua ilustração – a imagem revela o texto, o texto revela a imagem e a eficácia do livro fica dessa forma aumentada. Todos nós fomos, em nossa infância, fortemente impressionados por um livro, do qual ainda conservamos a lembrança. Os livros influem pois muitas vezes sobre o caráter: não só durante a infância, como até mais tarde, na idade adulta, ainda se nota sua influência. Daí a razão por que os pais e professores de escolas maternas e primárias não podem negligenciar a força oculta do livro. Não é só a influência do livro sobre a vida emocional que está em causa; cumpre notar ainda a função primordial que desempenha na educação. É por esse motivo, aliás, que os livros destinados à infância devem possuir grande valor artístico, apresentando conteúdo rico, elevado e enriquecedor. A literatura constitui uma arte, mas também representa um meio de educar o jovem leitor, desenvolver sua percepção estética do mundo, refinar suas qualidades, revelar sua inteligência, sua concepção da vida, suas idéias e seu gosto. O livro deve facilitar à criança a compreensão de certos fenômenos, proporcionando-lhe o melhor conhecimento de si própria, a fim de que aprenda desde cedo a viver uma existência rica e plena. É considerável, portanto, a importância da leitura como hábito permanente."

Outro tema abordado foi "O público leitor e seu acesso ao livro". Nelly Novaes Coelho, professora da Universidade de São Paulo, iniciou sua fala lembrando a complexidade da relação leitor/livro num país "em desenvolvimento" como o Brasil, que recebe enorme influência cultural dos países industrializados. Conceitua o livro como veículo de cultura e simultaneamente produto de consumo já que, atuando numa sociedade capitalista, ele necessariamente desempenha as duas funções: a de ser instrumento de educação e instrumento de lucro. Sendo uma nação jovem em pleno processo de autonomia cultural e desenvolvimento econômico o problema se acentua.